

Entrevista Pai Alexandre de Oxossi

E: Qual é o seu nome Completo?

Pai Alexandre: Alexandre Miguel da Silva

E: Você é conhecido mesmo como Alexandre de Oxossi?

Pai Alexandre: Alexandre de Oxossi

E: E você pode dar a data de nascimento?

Pai Alexandre: 02/12/72

E: E a fundação da casa?

Pai Alexandre: 23/04/1949

E: Conta um pouco essa história como é que é. Qual é o axé aqui?

Pai Alexandre: É Ketu. Só que a casa aqui não tem um nome por que quando eles fundaram a casa fizeram uma associação filantrópica, então é tenda espírita Ogum Edi.

E: Tem Ilê Axé?

Pai Alexandre: É o nome que eu uso, Ilê Axé Ile.

E: E aqui faz parte do Opô Afonjá?

Pai Alexandre: Não. Faz parte do Engenho Velho.

E: Conta um pouquinho de como era a casa anteriormente?

Pai Alexandre: A casa era de seu Neviton de Ogum e foram sete pessoas que fundaram a casa. Construíram essa casa e ficaram anos aí. E um dia eu conheci ele, vim ao toque, ele se encantou comigo e eu vim ajudando ele a trabalhar nas sessões. Com a morte de um filho dele, atropelado na Avenida Brasil, ele se desiludiu com a casa de santo e não quis mais saber de tocar essas coisas. Então ele me chamou e me fez uma proposta, que eu continuasse, que ele passava a casa pr mim, mas com a promessa que eu não deixasse de tocar a parte de Umbanda. Que seria caboclo, Exú, essas coisas, Preto Velho. Que seria exigência dele. E eu prometi a ele e há nove anos que eu estou na direção da casa.

E: E a casa dele era do Engenho Velho mesmo?

Pai Alexandre: Ele tocava Engenho Velho.

E: Ele foi feito aqui no rio mesmo?

Pai Alexandre: Foi feito no Rio, mas eu não sei por quem.

E: A casa era aqui mesmo?

Pai Alexandre: Aqui mesmo. Essa estrutura toda que tem aqui já tinha. Eu só vim embolsando, fazendo melhoramentos, fui adequando ela às minhas necessidades.

E: Você herdou também o santo dele?

Pai Alexandre: Não. Só a casa. Antes de falecer ele já tinha desfeito. Deixou só a casa pra mim para que eu desse continuidade [...] e eu estou dando continuidade até hoje.

E: Ele é vivo ainda?

Pai Alexandre: Não, ele faleceu um ano depois. Dos sete só tem um que é o presidente de honra da casa, que é o seu Mario, que tem setenta e sete anos.

E: Eram sete?

Pai Alexandre: Sete, por isso é **Ogum mejê**. Por que é dividido em sete. Foram sete pessoas que compraram o terreno e deram a Ogum.

E: Qual é o nome do presidente de honra?

Pai Alexandre: Mario Pontes.

E: Ele é de santo?

Pai Alexandre: É, mas já está com setenta e sete anos. Já não...

E: Você tem assim a história de como ele levava a casa?

Pai Alexandre: Pelo pouco que eu participei, eu fiquei um ano só junto com ele aqui dentro, é da mesma maneira que eu levo. Fazia os filhos, uma vez no ano tocava pra caboclo, tocava para Exu. E a casa era bem movimentada. Conforme o afastamento dele muitos ficaram e muitos não ficaram.

E: E como foi essa passagem? Ele passou e imediatamente você pegou ou ficou alguns anos fechado?

Pai Alexandre: Ficou alguns meses fechado por que eu fui organizar algumas coisas, por que ele deixou a casa fechada um tempo, mais ou menos um ano, só vinha e olhava. Aí quando ele me chamou para assumir eu ainda fiquei três meses com ela fechada organizando. Ele passou para mim em novembro e eu inaugurei a casa em janeiro com a festa dos caboclos.

E: Então não ficou muito tempo fechada

Pai Alexandre: Não. Ficou mais tempo fechada por parte dele, ele vinha se desvinculando por causa da morte desse filho. Então só vinha aqui pegar conta de luz e água para pagar, não fazia toque.

E: E ele tinha quantos anos de santo?

Pai Alexandre: Mais de trinta anos. Só seu Mario tem quase cinquenta anos de santo, ele devia ter muito mais. Foi ele que fez seu Mario.

E: O **axexê** dele foi aqui também?

Pai Alexandre: Não, por que foi uma coisa que ele não quis.[...] Teve uma desilusão muito forte com a morte do filho, ele foi ser messiânico. [...] Nesse tempo de um ano que a casa ficou fechada ele já foi se desfazendo das próprias coisas dele. Tanto que depois que eu assumi, uns meses depois ele faleceu, nunca mais ele voltou aqui. Desde que ele me passou o estatuto, a ata, fizemos a reunião, registramos tudo e ele nunca mais voltou aqui.

E: Essa associação é anterior a você?

Pai Alexandre: Ela já existia dele.

E: Sabe há quanto tempo?

Pai Alexandre: Mais ou menos esse tempo de casa aberta, eles fizeram assim para não ter briga [...] a luz e os impostos vem tudo no nome da tenda.

E: Vocês fazem algum trabalho social?

Pai Alexandre: Final de ano eu distribuo trinta cestas básica para crianças com câncer, leprosos, orfanatos e asilos.

E: Vocês dão cursos ou outras coisas assim?

Pai Alexandre: Não [...]

E: Você tem idéia de quantos filhos de santo tem hoje na casa?

Pai Alexandre: Setenta filhos de santo mais ou menos.

E: E como a casa se mantém?

Pai Alexandre: Com mensalidades e com as contribuições dos clientes e dos filhos de santo.

E: Você de dedica só aqui ou trabalha em outro lugar?

Pai Alexandre: Não, me dedico só a casa.

E: Aqui em volta tem outros terreiros?

Pai Alexandre: Tem um terreiro a duas casas daqui.

E: qual é o nome dela?

Pai Alexandre: Penha de Oxum

E: Aqui você tem cargos de Ogan e Ekedi?

Pai Alexandre: Sim.

E: Além desses tem outros?

Pai Alexandre: Tenho Mãe pequena de Oxossi e Pai pequeno de **Oxoguiam**.

E: Tem quantos Ogans e Ekedis aqui?

Pai Alexandre: Sete Ogans e oito Ekedis. [...] Os Ogans escorregam igual a quiabo.

E: Talvez tenham sido dados muitos poderes aos Ogans

Pai Alexandre: Esta semana mesmo eu estava conversando sobre isso, ao Ogam e a Ekedi deram muitos poderes. A Ekedi trabalha mais e algumas me perguntam por que a Ekedi ao pode dar obrigação? E eu respondo que a Ekedi nasceu para ser Ekedi. Agora já existe essas coisas de Ekedi abrir casa. Mas como é que pode? Ela não pode fazer tudo! A Ekedi não escorrega muito não, mas o Ogan é danado.

E: Na tradição do Engenho Velho já fez algumas modificações?

Pai Alexandre: Não. Faço tudo dentro da tradição. Na roda de Xangô pra chamar santo, Iabá de camisu, tudo dentro da tradição.

E: Você foi feito no Keto?

Pai Alexandre: No Ketu, tem dezoito anos que eu fiz santo. Dezoito anos dentro do Ketu.

E: Tem alguma história como pai de santo dentro do terreiro que você gostaria de contar?

Pai Alexandre: Tem a minha conquista pela casa. Quando eu cheguei a casa, hoje está esse palácio, mas quando eu cheguei encontrei tudo isso caído, com dois Ogans e parede sem estar embolsada, chão de terra e tudo ainda por acabar. E nessa trajetória de nove anos eu vim conquistando, vim crescendo, trazendo o meu nome para a praça. Eu vim devagarzinho e cheguei ao ponto que estou hoje. Não sou nenhum pai Valdomiro Baiano conhecido, mas hoje dentro do Candomblé existem pessoas que me conhecem. A minha casa é freqüentada por família. Apesar de ser novo, aqui não tem bagunça. Na minha casa tem que rodar como eu quero, não tenho nada contra mas da porta pra fora cada um leva a vida que quiser. Mas na minha casa não tem essas coisas na roda de homossexual jogando bilhetinho. Não. Ou você vem cuidar de santo ou não vem. Aqui não é lugar de arranjar namorando, lugar de mandar bilhetinho. Aqui é lugar de cuidar do Orixá. [...] Hoje eu posso dizer que eu tenho um palácio, mas quando eu cheguei aqui [...] Em junho eu faço a festa da Pombo-gira da casa que leva mil pessoas aqui dentro e nunca teve uma briga. Isso é uma coisa que eu me orgulho, ele ter deixado a casa pra mim e eu ter dado continuidade.[...]

E: E o calendário de festas?

Pai Alexandre: A festa do Caboclo em janeiro, em vinte e três de abril o aniversário da casa, que é Alvorada do Ogum que eu faço, faço em maio Preto-velho, em junho a festa da Pombo-gira da casa.

E: E de Orixás?

Pai Alexandre: Em agosto eu faço **Olubajé**, setembro Xangô, outubro Oxossi e dezembro Iansã. E no intervalo disso tem as obrigações. [...]

E: E você foi feito por quem?

Pai Alexandre: Eu fui feito por Iracema de Exu que era filha de Bonfim de Oxossi, que era neta de **Mãe Obaganju**. [...] fiz as obrigações com o seu Oya gindé.